



# O BRASIL COLONIAL NO ENSINO BÁSICO A PARTIR DA TRAJETÓRIA DE UMA EX-ESCRAVIZADA

Matheus Pereira da Silva<sup>1</sup>, Andreлина Sabrina Duarte Lima<sup>2</sup>, Willismar da Silva Freires<sup>3</sup>, Davi de França Lucena<sup>4</sup>, Ana Lunara da Silva Morais<sup>5</sup>  
Ana.lunara@professor.ufcg.edu.br

**Resumo:** O projeto de Extensão intitulado *Um desenho e uma história de Serafina: novas perspectivas historiográficas sobre o Brasil colonial no ensino básico a partir da trajetória de uma ex-escravizada*, desenvolvido pelos discentes do curso de licenciatura em História da UFCG, campus Cajazeiras-PB, buscou estimular a pesquisa acadêmica e o ensino na rede de educação básica sobre o período colonial do Brasil – conectando com questões atuais – a partir da trajetória de vida de Serafina, uma ex-escravizada que se tornou senhora de engenho.

**Palavras-chaves:** *Ensino de História, História do Brasil colonial, Educação antirracista.*

## 1. Introdução

O projeto de Extensão intitulado *Um desenho e uma história de Serafina: novas perspectivas historiográficas sobre o Brasil colonial no ensino básico a partir da trajetória de uma ex-escravizada* foi desenvolvido pelos discentes do curso de licenciatura em História da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus Cajazeiras, Paraíba, e idealizado e orientado pela Professora Dr.a Ana Lunara da Silva Morais. A equipe foi composta por: 7 (sete) discentes da UFCG, Centro de Formação de Professores, sendo 1 (um) bolsista, 5 (cinco) voluntários e 1 (um) colaborador; e mais 7 (sete) colaboradores, todos docentes de diversas redes de ensino (municipal, estadual e privada) da Paraíba e do Rio Grande do Norte.

Quem foi Serafina, título do projeto de Extensão? Serafina foi uma escravizada que viveu na capitania de Pernambuco em finais do século XVII. Cativa do mestre de campo Francisco Dias Ferreira, Serafina posteriormente casou-se com o seu senhor. Com a morte do esposo, Serafina Dias Ferreira tornou-se herdeira dos seus bens e passou a ser senhora de engenho. Todavia, a sua situação foi contestada pela sogra, que se considerou prejudicada na partilha da herança, e pelos monges beneditinos do Mosteiro de São Bento da Paraíba, interessados em cobrar antigas dívidas do falecido Francisco Dias Ferreira.

Partindo desta curiosa e inusitada trajetória de Serafina, esta proposta de Extensão buscou estimular a pesquisa sobre o período colonial do Brasil, debruçando-se sobre novas perspectivas historiográficas no tocante a

questões de gênero, administração de bens, escravidão, conflitos sociais, entre outros temas.

A equipe analisou a trajetória de Serafina por meio da leitura de uma fonte histórica, transcrita e publicada, e se aprofundaram no debate acadêmico recente. Em sequência, os voluntários e bolsista planejaram aulas a serem realizadas quinzenalmente em turmas do 8º e 9º ano da escola de ensino fundamental na escola estadual Dom Moisés Coelho (Código INEP: 25007742), localizada em Cajazeiras, Paraíba. O projeto buscou agregar elementos lúdicos ao ensino de história do Brasil colonial, especialmente desenhos feitos à guache. Os estudantes da escola parceira elaboraram, mediante o auxílio do bolsista, de voluntários e de colaboradores do projeto, desenhos inspirados em Serafina e nos demais sujeitos históricos que cruzaram sua trajetória.

Para finalizar o projeto de extensão realizou-se um evento, onde ocorreu uma exposição dos desenhos elaborados pelos estudantes contemplados juntamente com produções da equipe deste projeto, e uma palestra sobre educação antirracista.

Entende-se que, estudar sobre o período colonial do Brasil é de suma importância para se compreender a formação da sociedade brasileira, principalmente sobre a história dos afrodescendentes e indígenas. A partir da análise desse período histórico a partir da trajetória de Serafina, buscou-se romper paradigmas em torno dos estereótipos da sociedade brasileira e ao preconceito presente na nossa atualidade.

## 2. Metodologia

Este projeto de extensão, ao tomar a trajetória da ex-escravizada Serafina como ponto de partida para a pesquisa e para a discussão de novas perspectivas historiográficas sobre o Brasil colonial no ensino básico, se amparou em um gênero da historiografia que reduz a escala de observação de seus objetos na pesquisa histórica: a *Micro-História*. Esta abordagem teve início entre 1981 e 1988, na Itália, quando os historiadores Carlo Ginzburg [1,2] e Giovanni Levi [3] organizaram uma coleção intitulada de *Microstorie*. A coleção apresentou uma nova forma de abordar o objeto de pesquisa, pois partiu de uma escala de observação reduzida, sem deixar de levar em consideração as estruturas estabelecidas pela História Geral. A proposta é que o historiador desenvolva uma delimitação temática

<sup>1,2,3,4</sup> Estudantes de Graduação, UFCG, Campus Cajazeiras, PB. Brasil.

<sup>5</sup> Coordenadora, Professora Substituta do Magistério Superior, UFCG, Campus Cajazeiras, PB. Brasil.

específica em questão de tempo e espaço para conseguir observar realidades que não são retratadas pela História Geral.

Assim, a *Micro-História* aborda o cotidiano de comunidades determinadas ou apresenta trajetórias que complementem o contexto geral, mesmo que os indivíduos destacados fossem figuras anônimas. Na realidade, é isso que permite compreender as realidades conjunturais existentes dentro das estruturas já conhecidas. Nesse sentido, a investigação acerca de Serafina amparou-se na *Micro-História*, pois a partir de sua trajetória foram analisados vários elementos e peculiaridades sobre o Brasil colonial. Ademais, a história de Serafina, enquanto uma ex-escravizada, viabilizou a articulação de forma frutífera a *Micro-História* com a História Social [4]. Esta última procura dar voz às camadas mais baixas da sociedade e a *Micro-História* contribui fornecendo elementos enriquecedores para permitir que os excluídos da História Geral se expressem.

Para o desenvolvimento das aulas de História e as discussões sobre gênero, administração de bens e conflitos sociais no período colonial, os extensionistas se debruçaram sobre um documento escrito, processo judicial movido pelo Mosteiro de São Bento da Paraíba pela arrematação do engenho de cana-de-açúcar Cajabussú, em Pernambuco, pertencente ao falecido marido de Serafina. O material conta com duzentas laudas, transcritas e publicadas na revista do Arquivo Público do Estado de Pernambuco Jordão Emerenciano [5].

Pensando em um ensino de História dinâmico e prazeroso, avaliamos as formas de incorporar nos planos de aula linguagens que contribuam para um processo de ensino-aprendizagem significativo. Dentre eles, as imagens e os documentos escritos possibilitam o desenvolvimento de aulas que contribuem para dar significado ao conteúdo histórico [6].

A partir da pesquisa realizada através do processo movido pelo Mosteiro de São Bento no século XVII e das discussões e reflexões feitas sobre as fontes e linguagens no Ensino de História, desenvolvemos planos de aulas que contemplaram as discussões sobre gênero, escravidão, conflitos sociais e administração de bens em torno da vida de Serafina. O projeto também conseguiu agregar elementos lúdicos ao ensino de história do Brasil colonial, especialmente a partir de desenhos feitos à guache. Os estudantes da escola parceira elaboraram, mediante o auxílio do bolsista, de voluntários e de colaboradores do projeto, desenhos inspirados em Serafina e nos demais sujeitos históricos que cruzaram sua trajetória.

No planejamento, dividiu-se as aulas em dois momentos. O primeiro, foi reservado para as aulas de História com o objetivo de investigar criticamente o passado, onde os alunos puderam interagir com imagens e documentos escritos, sendo discutidas temáticas a partir da trajetória de Serafina. No segundo momento, as aulas eram voltadas para oficinas de Arte, onde os alunos puderam pintar e desenhar, construindo representações

significativas sobre o passado com base nas reflexões feitas no primeiro momento.

O uso das imagens no ensino de História não é algo novo em nossa sociedade. Sua relevância como recurso pedagógico é indispensável para a compreensão dos conhecimentos artísticos e culturais, uma vez que possibilita o desenvolvimento da criticidade e da interpretação, e provoca a reflexão sobre os diferentes contextos e temporalidades que perpassaram a história. Contudo, a elaboração de desenhos, de forma interdisciplinar com as Artes, não é algo comum no âmbito do ensino de História. Neste sentido, a elaboração de desenhos a partir da trajetória de Serafina coaduna-se com a desmistificação da ideia de “talento” para tal. Através da intuição (quando há um uso majoritariamente do hemisfério direito do cérebro) e da razão (quando há um uso maior do hemisfério esquerdo), as pesquisas de Betty Edwards [7] fundamentaram de forma científica conhecimentos considerados até então intuitivos.

O processo de desenhar interliga todas as cinco habilidades básicas necessárias para a capacidade de percepção. Desta forma, considerou-se que os desenhos produzidos pelos alunos não eram mera ilustração descontextualizada, e sim, fruto de uma operação cognitiva realizada pelos estudantes ao usar a imaginação para criar um raciocínio histórico, articular o passado ao presente [8]. Assim, privilegiamos a elaboração de desenhos como um processo criativo de construção do conhecimento histórico, fruto de diálogos a partir das aulas anteriores.

Por fim, foi realizada a exposição onde os alunos puderam expor as pinturas e desenhos feitos ao longo da Extensão. A exposição também contou com as pinturas feitas pelas professoras Ana Luna e Patrícia de Oliveira, assim como textos de apoio elaborados pelos extensionistas. Durante a exposição, foi realizada uma palestra com a graduada em História Mariana Valença sobre o racismo no Brasil e ensino antirracista. As artes ficaram em exposição durante três semanas e mobilizou toda a comunidade escolar.

### **3. Resultados e Discussões**

Um dos primeiros resultados produzidos pelos discentes da graduação foi a leitura e a separação das informações sobre Serafina, a personagem principal deste projeto, por meio da leitura de um processo impetrado pelo Mosteiro de Bento da Paraíba, publicado na Revista do Arquivo Público do Estado de Pernambuco Jordão Emerenciano (1946). Este documento, com cerca de 200 páginas, demandou um processo de leitura e análise cuidadosa, que nos possibilitou conhecer a trajetória de Serafina, e, a partir dela, temáticas diversas que ponderam ser trabalhadas na educação básica do município de Cajazeiras-PB. Estas possibilidades estão entre assuntos como as relações de gênero; posses de bens; mão de obra escravizada e religiosidades que se ligam diretamente a história de Serafina em virtude da dinâmica social da época.

A partir destas possibilidades de diálogos com a educação básica, especialmente para o Ensino de História, iniciamos uma sequência de debates baseando-

se em textos que falem sobre as temáticas em questão. Dentre eles, destacamos a dissertação intitulada “Mandingas dos Pretos”: diáspora africana e religiosidades na Bahia (século XVIII), defendida em 2021, de autoria de John Ferreira [9] e *Novos olhares, novas abordagens: a América portuguesa no ensino da História* (2013), de autoria de Claudiane Pereira [10]. Estas e outras referências nos serviram de embasamento para entendermos como as possibilidades de ensino, encontradas nas fontes em questão, poderia servir como material pedagógico e dialogar com uma historiografia atualizada sobre o ensino de história do Brasil Colonial. Mediante a isto, reiteramos que os primeiros resultados se referem a um processo de formação continuada, onde ocorreu um debate acadêmico aprofundado, logo, um amadurecimento sobre o tema.

Ademais, destacamos que esta etapa de formação contou com uma série de reuniões, sempre sob a presença e mediação da professora coordenadora do projeto. As ideias e os debates acadêmicos viabilizaram a produção de planos de aulas que nortearam as aulas ministradas posteriormente na escola parceira. As reuniões ocorreram de maneira presencial no Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, ou de maneira remota, através da plataforma *Google Meet*. A seguir, na Figura 1, apresentamos um destes encontros.



Figura 1 – Reunião de planejamento presencial.

Diante disto, após toda a etapa de planejamento e de formação, passamos a frequentar a escola estadual Dom Moisés Coelho, em Cajazeiras-PB. Neste momento foi possível testar a aplicabilidade das aulas idealizadas a partir da trajetória de Serafina e dos debates realizados sobre o período colonial do Brasil. Consolidou-se, de maneira efetiva, a apresentação, para os discentes matriculados na referida instituição, daquilo que se consolidou enquanto nossa etapa de pesquisa e investigação, onde os resultados passam a chegar na comunidade. Assim, por meio das nossas aulas, os alunos passaram a perceber Serafina não apenas como uma mulher escravizada, posteriormente alforriada ao casar-se com o seu senhor proprietário, mas como um personagem que compõe a História, além de grandes

“heróis”, outros personagens compõem a História. Assim, a mensagem inicial que se buscou transmitir foi a de ampliação de quem são os personagens históricos, que outras narrativas também precisam ser exploradas, contadas e analisadas, consideradas importantes.

Ao buscarmos o diálogo interdisciplinar entre História e Artes os discentes passaram a fazer desenhos, onde demonstraram suas interpretações sobre Serafina e o período analisado. Os desenhos, envolveram Serafina e os demais personagens que cruzaram sua história e as paisagens da época. Apresenta-se na Figura 2 o momento de uma de nossas aulas na escola Dom Moisés Coelho.



Figura 2 – Aulas da Extensão

Ao longo das aulas, observamos algumas questões que precisaram de intervenção e de modificação nos planejamentos das aulas. Percebemos que faltava aos alunos debates acerca de assuntos pertinentes, como o racismo. Destacamos que esta observação também passou a ser um dos resultados da Extensão, pois conforme identificamos a ausência de debate sobre o racismo, passamos, a partir de Serafina, a debater sobre o tema, conectando temáticas do período colonial com a realidade brasileira.

Assim, vimos a necessidade de planejar aulas para o enfrentamento ao racismo durante o nosso projeto. Destacamos que dentre as ações está a nossa culminância, onde fizemos a exposição dos desenhos e pinturas produzidas pelos alunos, e, mediante a isto, organizamos uma palestra com a professora Mariana Valença Felix, em alusão ao dia da consciência negra, 20 de novembro, onde debatemos, junto dos alunos, a necessidade de sermos todos antirracistas. Vejamos a seguir algumas imagens dessas ações:



Figura 3 - Palestra com a professora Mariana Valença Felix



Figura 4 – Montagem da exposição



Figura 5 – Exposição



Figura 6 – Equipe da extensão na Exposição

Além desta ação destacamos também uma reflexão importante para nós, enquanto futuros professores, que estaremos diretamente inseridos em contextos de um país racista, que traçarmos estratégias de combate precisam estar dentro das nossas pautas. Ainda destacamos que perpassamos também por uma formação teórica para planejarmos este momento, onde nossas inquietações foram embasadas pelo Trabalho de Conclusão de Curso da Professora Mariana Valença Felix, defendido na UFCG-CFP em 2023, intitulado *A contribuição do professor de história para a construção de uma educação antirracista* [11].

As ações do projeto foram desenvolvidas por discentes da UFCG-CFP, com auxílio de diversos colaboradores, incluindo três professores da escola estadual Dom Moisés Coelho, tendo impactado toda a comunidade escolar da instituição parceira, totalizando cerca de 840 indivíduos.

#### 4. Conclusões

A extensão desempenha um papel de suma importância, seja na construção do conhecimento, tendo a própria sociedade como sujeito parceiro, seja na validação de conhecimentos instituídos, os quais, por meio das ações extensionistas, são transmitidos, testados e reelaborados.

O projeto teve como fundamentação uma linha didática direcionada para a educação básica de qualidade, buscando atribuir ao ensino de História colonial novas perspectivas historiográficas e de forma lúdica. Dessa forma, foi possível traçar um elo entre pesquisa, ensino e comunidade escolar. Esse projeto viabilizou momentos de trocas de conhecimentos sobre o período colonial e o tempo presente, como a questões do racismo estrutural, ainda impregnado no cotidiano social.

Durante as aulas na escola Dom Moisés Coelho, indagou-se a visão que cada indivíduo presente tinha sobre os temas trabalhado em sala, como: trabalho do tempo presente, trabalho de pessoas escravizadas, gênero, divisão social, direitos. Acarretando assim, uma possibilidade de reflexão sobre os conhecimentos prévios adquiridos ao longo da vida de cada discente da escola parceira, propondo uma desconstrução do racismo no cotidiano, como: músicas, filmes, séries, jogos, e redes sociais. Assim, além das explanações temáticas, houve essa troca de conhecimento com objetivo de dialogar para conscientizar jovens alunos.

Acredita-se que as ações de Extensão desenvolvidas por meio do projeto Um desenho e uma história de Serafina: novas perspectivas historiográficas sobre o Brasil colonial no ensino básico, ao aproximar discussões acadêmicas da comunidade escolar, respondeu satisfatoriamente ao desafio de melhorar a formação universitária e o ensino básico.

#### 5. Referências

- [1] GINZBURG, C. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- [2] \_\_\_\_\_. *A micro história e outros ensaios*. Coleção Memória e Sociedade. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- [3] LEVI, G. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- [4] CARDOSO, C. F.; VAIFAS, R. (Orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- [5] REVISTA do Arquivo Público do Estado de Pernambuco Jordão Emerenciano. Vol. 1. Recife-PE: Secretária do Interior e Justiça, 1946.

- [6] MEDEIROS, Elisabeth Weber. Ensino de história: fontes e linguagens para uma prática renovada. *VIDYA*, v. 25, n. 2, pp. 59-71, 2007.
- [7] EDWARDS, B. *Desenhando com o lado direito do cérebro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- [8] FONSECA, S. G. A incorporação de diferentes linguagens no ensino de história. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Didática e Prática de ensino de História: experiências, reflexões e aprendizagens*. Campinas: Papyrus, 2003.
- [9] FERREIRA, Jhon Lenon de Jesus. "*Mandingas dos pretos*": diáspora africana e religiosidades na Bahia (Século XVIII). 2021. 149f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021
- [10] PEREIRA, Claudiane. Novos olhares, novas abordagens: a América portuguesa no ensino da História. In: *Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE*. Paraná: Cadernos PDF, 2013.
- [11] FÉLIX, Mariana Valença. *A contribuição do professor de história para a construção de uma educação antirracista*. 2023. TCC (Licenciatura em História) – CFP-UACS, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras-PB, 2023.
- [12] NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel (Org.). *Avaliação da Extensão Universitária: práticas e discussões da Comissão Permanente de Avaliação da Extensão*. Belo Horizonte: FORPROEX/CPAE; PROEX/UFMG, 2013.

### ***Agradecimentos***

Aos professores, diretora, coordenadora e discentes da escola estadual Dom Moisés Coelho (Cajazeiras-PB), por terem recepcionado este projeto de Extensão e pelo suporte e colaboração no desenvolvimento das atividades. Agradecemos, em especial, aos professores que viabilizaram nossas ações na escola: Nadja Claudinale da Costa Claudino, Jefferson Fernandes de Aquino e Júnio César de Oliveira.

À UFCG pela concessão de bolsa(s) por meio da Chamada PROPEX 003/2023 PROBEX/UFCG.